

## PORTUGUÊS

## 03 - (ENEM)

**Tempos e Modos Verbais**

01 - (ENEM) Querido Sr. Clemens,

Sei que o ofendi porque sua carta, não datada de outro dia, mas que parece ter sido escrita em 5 de julho, foi muito abrupta; eu a li e reli com os olhos turvos de lágrimas. Não usarei meu maravilhoso broche de peixe-anjo se o senhor não quiser; devolvarei ao senhor, se assim me for pedido...

OATES, J. C. Descanse em paz. São Paulo: Leya, 2008.

Nesse fragmento de carta pessoal, quanto à sequenciação dos eventos, reconhece-se a norma-padrão pelo(a)

- a. colocação pronominal em próclise.
- b. uso recorrente de marcas de negação.
- c. emprego adequado dos tempos verbais.
- d. preferência por arcaísmos, como “abrupta” e “turvo”.
- e. presença de qualificadores, como “maravilhoso” e “peixe-anjo”.

02 - (ENEM) Em junho de 1913, embarquei para a Europa a fim de me tratar num sanatório suíço. Escolhi o de Clavadel, perto de Davos-Platz, porque a respeito dele me falara João Luso, que ali passara um inverno com a senhora.

Mais tarde vim a saber que antes de existir no lugar um sanatório, lá estivera por algum tempo Antônio Nobre. “Ao cair das folhas”, um de seus mais belos sonetos, talvez o meu predileto, está datado de “Clavadel, outubro, 1895”. Fiquei na Suíça até outubro de 1914.

BANDEIRA, M. Poesia completa e prosa.

Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

No relato de memórias do autor, entre os recursos usados para organizar a sequência dos eventos narrados, destaca-se a

- a. construção de frases curtas a fim de conferir dinamicidade ao texto.
- b. presença de advérbios de lugar para indicar a progressão dos fatos.
- c. alternância de tempos do pretérito para ordenar os acontecimentos.
- d. inclusão de enunciados com comentários e avaliações pessoais.
- e. alusão a pessoas marcantes na trajetória de vida do escritor.

Disponível em: [www.behance.net](http://www.behance.net). Acesso em: 21 fev. 2013 (adaptado).

A rapidez é destacada como uma das qualidades do serviço anunciado, funcionando como estratégia de persuasão em relação ao consumidor do mercado gráfico.

O recurso da linguagem verbal que contribui para esse destaque é o emprego

- a. do termo “fácil” no início do anúncio, com foco no processo.
- b. de adjetivos que valorizam a nitidez da impressão.
- c. das formas verbais no futuro e no pretérito, em sequência.
- d. da expressão intensificadora “menos do que” associada à qualidade.
- e. da locução “do mundo” associada a “melhor”, que quantifica a ação.

**04 - (ENEM) Novas tecnologias**

Atualmente, prevalece na mídia um discurso de exaltação das novas tecnologias, principalmente aquelas ligadas às atividades de telecomunicações. Expressões frequentes como “o futuro já chegou”, “maravilhas tecnológicas” e “conexão total com o mundo” “fetichizam” novos produtos, transformando-os em objetos do desejo, de consumo obrigatório. Por esse motivo carregamos hoje nos bolsos, bolsas e mochilas o “futuro” tão festejado.

Todavia, não podemos reduzir-nos a meras vítimas de um aparelho midiático perverso, ou de um aparelho capitalista controlador. Há perversão, certamente, e controle, sem

sombra de dúvida. Entretanto, desenvolvemos uma relação simbiótica de dependência mútua com os veículos de comunicação, que se estreita a cada imagem compartilhada e a cada dossiê pessoal transformado em objeto público de entretenimento.

Não mais como aqueles acorrentados na caverna de Platão, somos livres para nos aprisionar, por espontânea vontade, a esta relação sadomasoquista com as estruturas midiáticas, na qual tanto controlamos quanto somos controlados.

SAMPAIO, A. S. A microfísica do espetáculo. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br>. Acesso em: 1 mar. 2013 (adaptado).

Ao escrever um artigo de opinião, o produtor precisa criar uma base de orientação linguística que permita alcançar os leitores e convencê-los com relação ao ponto de vista defendido. Diante disso, nesse texto, a escolha das formas verbais em destaque objetiva

a.criar relação de subordinação entre leitor e autor, já que ambos usam as novas tecnologias.

b.enfatizar a probabilidade de que toda população brasileira esteja aprisionada às novas tecnologias.

c.indicar, de forma clara, o ponto de vista de que hoje as pessoas são controladas pelas novas tecnologias.

d.tornar o leitor copartícipe do ponto de vista de que ele manipula as novas tecnologias e por elas é manipulado.

e.demonstrar ao leitor sua parcela de responsabilidade por deixar que as novas tecnologias controlem as pessoas.

**05 - (UFRJ) Múltiplo sorriso**

Pendurou a última bola na árvore de Natal e deu alguns passos atrás. Estava bonita. Era um pinheiro artificial, mas parecia de verdade. Só bolas vermelhas. Nunca deixava de armar sua árvore, embora as amigas dissessem que era bobagem fazer isso quando se mora sozinha. Olhou com mais vagar. Na luz do fim da tarde, notou que sua imagem se espelhava nas bolas. Em todas elas, lá estava seu rosto, um pouco distorcido, é verdade – mas sorrindo. “Estão vendo?”, diria às amigas, se estivessem por perto. “Eu não estou só.”

HELOÍSA SEIXAS Contos mais que mínimos. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

O trecho destacado revela o choque entre o mundo imaginário da personagem e a realidade de sua solidão.

Esse choque entre imaginação e realidade é enfatizado pela utilização do seguinte recurso de linguagem:

- a.o uso das aspas duplas
- b.o emprego dos modos verbais
- c.a presença da forma interrogativa
- d.a referência à proximidade espacial

**06 - (UERJ) A invasão dos blablablás**

O planeta é dividido entre as pessoas que falam no cinema – e as que não falam. É uma divisão recente. Por décadas, os falantes foram minoria. E uma minoria reprimida. Quando alguém abria a boca na sala escura, recebia logo um shhhhhhhhhhhhh. E voltava ao estado silencioso de onde nunca deveria ter saído. Todo pai ou mãe que honrava seu lugar de educador ensinava a seus filhos que o cinema era um lugar de reverência. Sentados na poltrona, as luzes se apagavam, uma música solene saía das caixas de som, as cortinas se abriam e um novo mundo começava. Sem sair do lugar, vivíamos outras vidas, viajávamos por lugares desconhecidos, chorávamos, ríamos, nos apaixonávamos. Sentados ao lado de desconhecidos, passávamos por todos os estados de alma de uma vida inteira sem trocar uma palavra. Comungávamos em silêncio do mesmo encantamento. (...)

Percebi na sexta-feira que não ia ao cinema havia três meses. Não por falta de tempo, porque trabalhar muito não é uma novidade para mim. Mas porque fui expulsa do cinema. Devagar, aos poucos, mas expulsa. Pertencço, desde sempre, às fileiras dos silenciosos. Anos atrás, nem imaginava que pudesse haver outro comportamento além do silêncio absoluto no cinema. Assim como não imagino alguém cochichando em qualquer lugar onde entramos com o compromisso de escutar.

Não é uma questão de estilo, de gosto. Pertence ao campo do respeito, da ética. Cinema é a experiência da escuta de uma vida outra, que fala à nossa, mas nós não falamos uns com os outros. No cinema, só quem fala são os atores do filme. Nós calamos para que eles possam falar. Nossa vida cala para que outra fale.

Isso era cinema. Agora mudou. É estarrecedor, mas os blablablás venceram. Tomaram conta das salas de cinema. E, sem nenhuma repressão, vão expulsando a todos que entram no cinema para assistir ao filme sem importunar ninguém. (...)

Eliane Brum  
 revistaepoca.globo.com, 10/08/2009

**Isso era cinema.**

O verbo assume, nesta frase, o sentido específico de indicar um estado de coisas que durava.

No entanto, ele assume o sentido específico de indicar uma mudança sem retorno na seguinte reescritura:

- a. Isso foi o cinema.
- b. Isso será o cinema.
- c. Isso tem sido o cinema
- d. Isso teria sido o cinema.

**07 - (UNESP)**

A questão toma por base uma passagem de um livro de José Ribeiro sobre o folclore nacional.

**Curupira**

*Na teogonia\* tupi, o anhangá, gênio andante, espírito andejo ou vagabundo, destinava-se a proteger a caça do campo. Era imaginado, segundo a tradição colhida pelo Dr. Couto de Magalhães, sob a figura de um veado branco, com olhos de fogo.*

*Todo aquele que perseguisse um animal que estivesse amamentando corria o risco de ver Anhangá e a visão determinava logo a febre e, às vezes, a loucura. O caipora é o mesmo tipo mítico encontrado nas regiões central e meridional e aí representado por um homem enorme coberto de pelos negros por todo o rosto e por todo o corpo, ao qual se confiou a proteção da caça do mato. Tristonho e taciturno, anda sempre montado em um porco de grandes dimensões, dando de quando em vez um grito para impelir a vara. Quem o encontra adquire logo a certeza de ficar infeliz e de ser mal sucedido em tudo que intentar. Dele se originaram as expressões portuguesas caipora e caiporismo, como sinônimo de má sorte, infelicidade, desdita nos negócios. Bilac assim o descreve: “Companheiro do curupira, ou sua duplicata, é o Caipora, ora gigante, ora anão, montado num caititu, e cavalgando à frente de varas de porcos do mato, fumando cachimbo ou cigarro, pedindo fogo aos viajores; à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumando o caminho”.*

*Ambos representam um só mito com diferente configuração e a mesma identidade com o curupira e o jurupari, numes que guardam a floresta. Todos convergem mais ou menos para o mesmo fim, sendo que o curupira é representado na região setentrional por um “pequeno tapuío” com os pés voltados para trás e sem os orifícios necessários para as secreções indispensáveis à vida, pelo que a gente do Pará diz que ele é músico. O Curupira ou Currupira, como é*

*chamado no sul, aliás erroneamente, figura em uma infinidade de lendas tanto no norte como no sul do Brasil. No Pará, quando se viaja pelos rios e se ouve alguma pancada longínqua no meio dos bosques, “os romeiros dizem que é o Curupira que está batendo nas sapupemas, a ver se as árvores estão suficientemente fortes para sofrerem a ação de alguma tempestade que está próxima. A função do Curupira é proteger as florestas. Todo aquele que derriba, ou por qualquer modo estraga inutilmente as árvores, é punido por ele com a pena de errar tempos imensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho de casa, ou meio algum de chegar até os seus”. Como se vê, qualquer desses tipos é a manifestação de um só mito em regiões e circunstâncias diferentes.*

(O Brasil no folclore, 1970.)

(\*) Teogonia, s.f.: 1. Filos. Doutrina mística relativa ao nascimento dos deuses, e que frequentemente se relaciona com a formação do mundo. 2. Conjunto de divindades cujo culto forma o sistema religioso dum povo politeísta. (Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI.)

Todo aquele que perseguisse um animal que estivesse amamentando corria o risco de ver Anhangá [...].

Se a frase apresentada for reescrita trocando-se perseguisse, que está no pretérito imperfeito do modo subjuntivo, por perseguir, futuro do mesmo modo, as formas estivesse e corria assumirão, por correlação de modos e tempos, as seguintes flexões:

- a. estiver e correu.
- b. estaria e correria.
- c. estará e corria.
- d. esteja e correrá.
- e. estiver e correrá.

**08 - (MACKENZIE) Churrasco em enterro**

As festanças são atividades sociais importantes. Pessoas se juntam e preparam uma grande refeição para comemorar um evento. Pode ser um nascimento, um casamento, a vitória em uma batalha, o sucesso de uma caçada ou mesmo, em algumas culturas, a morte de um ente querido. Mas quando esse hábito surgiu entre os humanos? Até recentemente, a evidência mais antiga de grandes festas comunitárias datava do Neolítico, entre 11 mil e 8 mil anos atrás, depois do surgimento da agricultura e das primeiras cidades.

Agora, arqueólogos, escavando uma gruta em Israel, descobriram evidências de festanças que ocorreram há cerca de 12 mil anos. No fundo dessa caverna foram encontrados diversos buracos. Cada buraco estava coberto

por um grande pedaço de pedra. Debaixo da pedra foram encontrados esqueletos humanos e muitos ossos de animais. Esses ossos apresentavam marcas indicando que a carne fora totalmente retirada e, além disso, tinham marcas de queimaduras. Os arqueólogos acreditam que provavelmente houve uma festança, na qual foi consumida uma grande quantidade de carne. Em seguida, os restos foram enterrados com o corpo da mulher. Tudo indica que o mais antigo churrasco descoberto até agora foi organizado como parte de um enterro.

Adaptado de Fernando Reinach.

Considerando os aspectos gramaticais e ortográficos do texto, pode-se inferir que:

a.O trecho "fora totalmente retirada" poderia ser reescrito, sem prejuízo para o sentido, assim: "havia sido totalmente retirada".

b.A forma plural de "houve uma festança" está corretamente grafada assim: "houveram festanças"

c.O sufixo de "festança" apresenta mesmo sentido que o presente em "criança".

d.De acordo com a norma culta, o trecho "há cerca de 12 mil anos" poderia também ser escrito da seguinte forma: "acerca de 12 mil anos atrás".

e.Assim como temos a grafia "em cima", a palavra "debaixo", de acordo com a norma culta, poderia apresentar a grafia "de baixo", sem que isso provocasse alteração no sentido da palavra.

### 09 - (FGV) Uma ideia radical demais

"Grátis pode significar muitas coisas, e esse significado tem mudado ao longo dos anos. Grátis levanta suspeitas, mas não há quase nada que chame tanto a atenção. Quase nunca é tão simples quanto parece, mas é a transação mais natural de todas. Se agora estamos construindo uma economia em torno do Grátis, deveríamos começar entendendo o que ele é e como funciona." [...]

Disponível em: portalexame.abril.uol.com.br. Acesso em: 2 jan. 2010.

Na primeira frase do texto, o tempo composto "tem mudado" expressa uma ação

a.concluída e pode ser substituído por mudou ou muda.

b.em processo e não há forma simples que o possa exprimir.

c.hipotética e pode ser substituído por mudaria.

d.em continuidade e pode ser substituído por mudara.

e.impossível no futuro e não há forma simples que o possa exprimir.

### 10 - (UEMS) Sugestão

Antes que venham ventos e te levem  
do peito o amor — este tão belo amor,  
que deu grandeza e graça à tua vida —,  
faze dele, agora, enquanto é tempo,  
uma cidade eterna — e nela habita.

Uma cidade, sim. Edificada  
nas nuvens, não — no chão por onde vais,  
e alicerçada, fundo, nos teus dias,  
de jeito assim que dentro dela caiba  
o mundo inteiro: as árvores, as crianças,  
o mar e o sol, a noite e os passarinhos,  
e sobretudo caibas tu, inteiro:  
o que te suja, o que te transfigura,  
teus pecados mortais, tuas bravuras,  
tudo afinal o que te faz viver  
e mais o tudo que, vivendo, fazes.

(...)

É tempo. Faze

tua cidade eterna, e nela habita:

antes que venham ventos, e te levem  
do peito o amor — este tão belo amor  
que dá grandeza e graça à tua vida.

MELLO, Thiago de. Vento Geral. Poesia 1951/1981. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

Na última estrofe do poema, em paralelismo com a primeira, reforça-se a recomendação feita ao sujeito para que construa uma "cidade eterna". Embora haja versos similares em ambas as estrofes, constata-se uma mudança no tempo verbal relacionado ao amor: de pretérito (deu) passa a presente (dá). Tal alteração sugere:

a.a passagem do projeto de eternizar o amor como simples hipótese a uma realidade plausível.

b.a certeza de que, uma vez experimentado, o amor modifica, definitivamente, a vida do sujeito.

c.a idéia de que o sentimento presente não corresponde à experiência do amor no passado.

d.a constatação da impossibilidade de se eternizar o amor no momento presente, devido à sua efemeridade.

e.a negação da permanência do amor como sentimento que aproxima o passado e o presente.

**11** - (UEG) Descobertas relativas à genética têm revolucionado a produção de novos alimentos, remédios e produtos químicos e, ao mesmo tempo, gerado muita polêmica quanto aos efeitos dessa revolução.

As cartas abaixo foram publicadas na Sessão de Cartas do Leitor, do Jornal do Brasil, em 23 de março de 2003, como resposta a um artigo do mesmo jornal JB, relativo à produção de soja transgênica. [...]

*A propósito do artigo “O MST e a soja transgênica”, de Luiz Orlando Carneiro (18/3): o grande problema em relação ao cultivo da dita soja é sobretudo de ordem econômica e da dependência tecnológica que ela acarreta. A soja transgênica não gera sementes replantáveis. Elas precisam ser compradas no produtor que detém a patente, no caso a Monsanto, canadense. Isso gera dependência na política de preço do produto no mercado internacional de transgênicos. Além disso, grande parte dos países não aceita comprar e consumir a soja transgênica (e eles deverão lá ter as suas razões) e, o Brasil, adotando a plantação de transgênicos, perderá esse mercado bastante lucrativo e promissor.*

SOARES, Wilma. Rio de Janeiro. (RJ)

No trecho, “O Brasil, adotando a plantação de transgênicos, perderá esse mercado bastante lucrativo e promissor”, o verbo adotando poderá ser substituído, sem prejuízo da relação lógica e do sentido da frase, por

- a. quando adotar
- b. por adotar
- c. para adotar
- d. assim que adotar
- e. se adotar

**12** - (FUVEST) RECEITA DE MULHER

As muito feias que me perdoem

Mas beleza é fundamental. É preciso

Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso

Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de haute couture\*

Em tudo isso (ou então

Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como na República Popular China).

Não há meio-termo possível. É preciso

Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito

Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada e que um rosto

Adquirir de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro minuto da aurora.

Vinicius de Moraes.

\* “haute couture”: alta costura.

Tendo em vista o contexto, o modo verbal predominante no excerto e a razão desse uso são:

- a.indicativo; expressar verdades universais
- b.imperativo; traduzir ordens ou exortações
- c.subjuntivo; indicar vontade ou desejo.
- d.indicativo; relacionar ações habituais
- e.subjuntivo; sugerir condições hipotéticas

**13** - (UFABC) *Os bondes elétricos começaram a chegar em 1892, também pelo Rio de Janeiro, e mudaram radicalmente o cotidiano urbano. Poucas foram as capitais que não tiveram sua linha. Eram o passaporte para o mundo, mesmo que este se restringisse aos limites do município. Foram vistos com medo e admiração. Em “O Bonde e a Cidade”, o paulistano Oswald de Andrade narra: “Eu tinha notícia pelo pretinho Lázaro, filho da cozinheira de minha tia, vinda do Rio, que era muito perigoso esse negócio de eletricidade. Quem pusesse os pés nos trilhos ficava ali grudado e seria esmagado facilmente pelo bonde. Precisava pular.”*

*Machado de Assis também não deixou passar em branco. Em 16 de outubro daquele ano, registrou nas páginas de “A Semana”: “O que me impressionou, antes da eletricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu bonde, com um grande ar de superioridade. Sentia-se nele a convicção de que inventara, não só o bonde elétrico, mas a própria eletricidade.”*

(...)

*O tal do bonde era meio de transporte democrático. Em uma época em que poucos tinham carro, e outros preferiam deslizar sobre trilhos a sacolejar em ruas esburacadas, diversas classes sociais o compartilhavam. No Rio de Janeiro do início do século passado, propalava-se que a cidade não tinha uma rua sequer sem trilhos. O lema era: “Onde chega o bonde, chega o progresso”.*

*Mas havia também os efeitos colaterais: as mulheres puderam, enfim, conhecer outras paragens – ainda que acompanhadas. Reações conservadoras não poderiam deixar de vir. A opinião é do jornalista França Júnior, no fim do século 19: “Se o impulso dado pelo bonde à nossa sociedade for em escala sempre ascendente, havemos de ver em breve as nossas patricias discutirem política, irem à praça do comércio, ler os jornais do dia, ocuparem-se de tudo enfim, menos do arranjo da casa.”*

ALBANESE, Mariana. Para não perder o bonde da História.

A correlação de tempo e modo dos verbos é compatível com a variante coloquial oral na alternativa:

- Os bondes elétricos começaram a chegar em 1892, também pelo Rio de Janeiro, e mudaram radicalmente o cotidiano urbano.
- Poucas foram as capitais que não tiveram sua linha. Eram o passaporte para o mundo, mesmo que este se restringisse aos limites do município.
- Eu tinha notícia pelo pretinho Lázaro, filho da cozinheira de minha tia, vinda do Rio, que era muito perigoso esse negócio de eletricidade.
- Quem pusesse os pés nos trilhos ficava ali grudado e seria esmagado facilmente pelo bonde. Precisava pular.
- Sentia-se nele a convicção de que inventara, não só o bonde elétrico, mas a própria eletricidade.

#### 14 - (UEMA)

##### Cadeia

Estava tão cansado, tão machucado, que ia quase adormecendo no meio daquela desgraça. Havia ali um bêbedo tresvariando em voz alta [...] Discutiam, queixava-se da lenha molhada. Fabiano cochilava, a cabeça pesada inclinava-se para o peito e levantava-se. [...] Acordou sobressaltado. Pois não estava misturando as

peessoas, desatinando? Talvez fosse efeito da cachaça. Não era: tinha bebido um copo. [...]

Ouviu o falatório do bêbedo e caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. [...]

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. (Adaptado) 127 ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

Atentando para o emprego dos tempos verbais, quanto à produção de sentidos no texto literário, o presente do indicativo em “Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito?” sugere que as ações expressas estão caracterizadas como

- desejos e hipóteses com projeção para um tempo virtual do querer do falante.
- fatos de um universo imaginário ou de um mundo de faz-de-conta.
- ocorrências habituais repetidas anteriores ao enunciado no momento.
- acontecimentos pontuais de um tempo lembrado, mas já terminado.
- confirmação da identidade existencial da personagem no mundo real.

#### 15 - (UNEMAT)

##### A gramática do bom humor

Millôr Fernandes

Quando os eruditos descobriram a língua, ela já estava completamente pronta pelo povo. Os eruditos tiveram apenas que proibir o povo de falar errado. (...)

As palavras nascem saudáveis e livres, crescem vagabundas e elásticas, vivem informes, e dinâmicas. Morrem quando contraem o câncer do significado definitivo e são recolhidas ao CTI dos dicionários.

Devemos ser gratos aos portugueses. Se não fossem eles estaríamos até hoje falando tupi-guarani, uma língua que não entendemos.

Que língua a nossa! A palavra oxítone é proparoxítone.

(A Bíblia do Caos, In. Revista Língua Portuguesa - Ano I, nº01, 2005, p. 15)

Com base nos enunciados destacados, assinale a alternativa correta

a. Em “uma língua que não entendemos”, Millor Fernandes, de forma implícita, faz uma crítica ao tupi guarani.

b. O uso do imperfeito do subjuntivo na expressão “se não fossem eles...”, permite dizer que há uma indicação de certeza no enunciado.

c. O pronome “eles” retoma as palavras “tupi-guarani” e “portugueses”.

d. Segundo a norma padrão da língua é correto o acréscimo da expressão “a gente” antes do verbo do enunciado “uma língua que não entendemos”.

e. Há uma pressuposição de que falávamos o tupi-guarani, por causa da expressão: “gratos aos portugueses”.

**GABARITO**

01 – C

02 – C

03 – C

04 – D

05 – B

06 – A

07 – E

08 – A

09 – B

10 – B

11 – E

12 – C

13 – D

14 – E

15 – E